

Maria Beatriz Nascimento Decat

CONCORDÂNCIA VERBAL, TOPICALIZAÇÃO E POSPOSIÇÃO DE SUJEITO

RESUMO

Neste trabalho pretendo mostrar que o fenômeno da concordância verbal em português é melhor descrito em termos da relação tópico/comentário. A partir do exame, em dados da língua oral, da interação da regra de CV com as regras de Topicalização e de Posposição de Sujeito, aventei a hipótese de que a ausência de CV em sentenças com SN posposto (tradicionalmente chamado sujeito) se explica pelo fato de essas sentenças serem constituídas só do comentário, desprovidas, portanto, do tópico, que é aqui estabelecido como o controlador da CV. Em consequência da ausência do tópico, a falta de CV revela uma tendência à impessoalização nesse tipo de sentenças.

ABSTRACT

I intend to demonstrate, in this paper, that Portuguese Subject-Verb Agreement can be better described in terms of the relationship topic/comment. Based on the examination of the interaction between the Subject-Verb Agreement rule, on the one hand, and the rules of Topicalization and Subject Postposing, on the other hand, in colloquial Brazilian Portuguese, I advanced the following hypothesis: the absence of Subject-Verb Agreement in sentences with a postposed NP (which is, traditionally, analyzed as the subject of the sentence) can be explained by the fact that in these sentences all we have is comment; i.e., the topic, which we establish as the controller of Subject-Verb Agreement, is lacking. As a consequence of the absence of topic, lack of Subject-Verb Agreement shows a tendency for the impersonalization of this kind of sentences.

1. Em trabalho anterior (Decat, 1981) — em que examinei o fenômeno da concordância verbal (CV) com sujeito posposto, na língua escrita e na língua falada por estudantes e professores universitários — levantei algumas hipóteses para explicar a não-aplicação dessa regra em contextos com verbos existenciais e verbos de movimento. Essas hipóteses postulavam que os "erros" cometidos pelos alunos em suas redações se deviam:

- a) ao desconhecimento da regra;
- b) a uma variação lingüística (análise de Lemle & Naro, 1977), causada ora pelo fator morfológico — ligado à maior ou menor diferença fônica entre as formas verbais de terceira pessoa do singular e do plural — ora pelo fator estilístico, que atribui à posição do SN sujeito a responsabilidade para a aplicação da CV;
- c) à identificação da noção funcional de sujeito com a noção semântica de agente e ao conseqüente desconhecimento de outras funções temáticas que um SN sujeito pode assumir;
- d) ao sentimento de perda de "status" de sujeito por parte do SN posposto, conforme postulado por Perlmutter(1976);
- e) à concentração de foco de interesse no predicado, isto é, no fato em si, mais que no sujeito.

Entretanto, nenhuma dessas explicações mostrou-se satisfatória e exaustiva o bastante para se chegar a conclusões mais definidas.

Neste trabalho pretendo reexaminar o fenômeno da CV, em sua interação não só com a posposição de sujeito mas também com o fenômeno da topicalização, objetivando caracterizar aquela regra em termos da relação tópico/comentário, e não da relação sujeito/predicado, como tem sido postulado pelas gramáticas do português. No que diz respeito ao fenômeno da topicalização, tomarei como base a análise feita por Eunice Pontes em seus recentes trabalhos¹, cujos pontos essenciais passo a resumir.

A autora verificou que a incidência, em português, de construções com SN topicalizado é enorme, o que poderia colocar nossa língua entre as línguas de proeminência tópica (em que a estrutura das sentenças alcança melhor descrição em termos de tópico e comentário), ou, pelo menos, como uma língua de proeminência de tópico e também de sujeito (em que a estrutura da sentença, então, é melhor descrita em termos de sujeito e predicado). Um outro ponto importante apresentado nos trabalhos de Pontes é o de que não é fácil distinguir, em português, entre construções com topicalização e construções em que houve simplesmente o deslocamento de um SN para a esquerda, distinção que é mantida por muitos lingüistas com base na presença, ou não, de um pronome-cópia e na existência de pausa entre o sintagma nominal deslocado e o verbo. Segundo Pontes, essa distinção não é nítida em português, pois nem sempre há o pronome e a pausa é opcional. Assim, ela considera todas as ocorrências estudadas como ocorrências de topicalização. Conseqüentemente, na análise de Pontes, serão igualmente tratadas sentenças como:

(1) "Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco (dele)"

(2) "Essa casa bate bastante sol."²

Nos parágrafos que se seguem vou examinar o comportamento

da regra de CV em português, a partir de sentenças em que há SN topicalizado — nos termos de Pontes — e/ou SN posposto ao verbo, a fim de verificar em que medida a função de tópico, e não de sujeito (pelo menos nos termos da Gramática Tradicional), é importante para a caracterização da regra de CV.

2. A concordância verbal é frequentemente usada, tanto nas gramáticas e nos livros didáticos, quanto pelo professor de português em suas aulas, como critério (às vezes o único) para identificação do sujeito da sentença. Assim, para Câmara Jr. (1964:81), "A Concordância verbal é só o que assinala em português um substantivo como sujeito". Dessa forma, não deveria haver nenhum problema para a identificação de um SN sujeito que se encontre posposto ao verbo. Em outras palavras, se a relação entre sujeito e predicado "é um caso especial da relação DETERMINADO-DETERMINANTE, que cria o sintagma" (Câmara Jr., 1964:175), e a concordância é "Princípio, vigente em muitas línguas, segundo o qual, num sintagma, o vocábulo determinante se adapta a certas categorias gramaticais do determinado" (Câmara Jr., 1964:81), não deveria constituir problema para o aluno — depois de ele dominar as noções acima — identificar o sujeito de uma sentença como

(3) Apareceu um cachorro lá em casa

e, conseqüentemente, efetuar a CV do determinante (o predicado — nesse caso, o verbo) com o determinado (o sujeito), produzindo, assim, uma sentença do tipo de

(4) Apareceram dois cachorros lá em casa.

Entretanto, já mostrei anteriormente (Decat, 1981) que, nas

sentenças coletadas de redações de alunos de primeiro, segundo e terceiro (universitário) graus, ou mesmo de conversas informais entre pessoas de nível universitário (alunos e professores de cursos de Letras), o verbo não aparecia em sua forma de terceira pessoa do plural quando a ele se pospunha um SN sujeito também plural, como mostram os seguintes exemplos (5) e (6), de língua oral e (7) e (8), de língua escrita:

(5) Nessa minha pesquisa vai entrar tópicos

(6) Outro dia eu fiz um bolo e sobrou quatro claras

(7) ... quando chegou ao engenho suas primas francesas...

(8) ... aí então começa os maiores problemas

A partir de dados como esses, muito freqüentes em português, não mais poderíamos usar da CV como critério para identificação do sujeito da sentença. Além do mais, a própria gramática tradicional considera a possibilidade de, em certas estruturas, o verbo não concordar com o sujeito, mas com um sintagma que esteja exercendo alguma outra função sintática, como no caso de sentenças com o verbo ser, em que "o sujeito do verbo ser é um dos pronomes isto, isso, aquilo, tudo ou o (=aquilo) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural" (Cunha, 1976: 472). Para tal tipo de construção, postula-se que o verbo concordará com o predicativo, como no exemplo de Cecília Meireles abaixo, retirado de Cunha (1976:472):

(9) "Tudo eram sonhos de Arcádia,
ilusões da vida em flor..."

Observe-se que aqui já não se pode dizer que está sendo levada

em conta, para a aplicação da regra de CV, a relação determinada-determinante. Isso porque o predicado (nesse caso, o verbo — o determinante) não se adaptou às categorias gramaticais do sujeito (o determinado); houve, sim, dentro do elemento determinante, ou seja, o predicado, uma adaptação do verbo às categorias de outro elemento que o integra. Segundo Cunha (1976:472),

Tal concordância se explica pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nominal, pois esta alude a realidades mais evidentes.

A única coisa que me parece evidente, nesse caso, é a incoerência daquele autor na explicação do fenômeno. Ao mesmo tempo em que ele postula como sujeito do verbo ser os pronomes isto, tudo, etc., ele admite que "nosso espírito" prefere destacar "como sujeito" a palavra nominal. Afinal, qual seria, segundo aquele autor, o sujeito da frase acima: o SN tudo ou o SN sonhos de Arcádia, ilusões da vida em flor? Ao mesmo tempo ele admite (assim como outros gramáticos) que

(...) também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido. São de GONÇALVES DIAS os seguintes passos:

Tudo é flores no presente.

... Já tudo é cinzas (Cunha, 1970:345)

e dá a seguinte explicação para o fato:

Nestes exemplos, o poeta, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procura realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa (Cunha, 1970:345).

A propósito de sentenças com o pronome tudo, veja-se o que nos diz Saïd Ali (1966:287):

Empregando-se com o pronome tudo a inversão, isto é, começando-se pelo verbo ser, este tomará a forma do plural, como em eram tudo memórias de alegria (Camões, Lus. 3, 121), mas pode também conservar-se no singular concordando com o pronome: Tratemos do que cumpre e não seja tudo flores se me nam quereis estilar (Eufr. 19).

Nos exemplos acima expostos, o pronome indefinido é o sujeito da oração, pois representa aquilo de que se quer comunicar alguma coisa ao indivíduo ouvinte. Não tem aí lugar o torcer a frase e o pensamento, a fim de dar, por amor à regularidade da gramática normativa, como sujeito o nome no plural enunciado espontaneamente por último.

Tenho observado que esse tipo de concordância acima mencionado é, na língua oral, mais freqüente do que aquela em que o verbo ser concorda com o sintagma que está depois dele. Se há, ou não, intenção de "realçar um conjunto" não podemos afirmar. Creio ser mais prudente dizer que sentenças como

(10) No princípio tudo é flores...

são mais naturais no que diz respeito à estrutura da língua, do mesmo modo que são naturais as sentenças abaixo, em que o verbo não está concordando com o SN que está depois dele:

(11) Saiu as notas de matemática

(12) Foi feito duas viagens

Do mesmo modo, em (13)

(13) Essas roupas não saem tinta

o verbo não está concordando com o SN tinta que, nos termos da Gramática Tradicional, seria o sujeito da sentença, o qual, por sua vez, iria determinar a CV, já que o sintagma essas roupas seria tratado como adverbial, originado de um sintagma dessas

roupas, através da supressão da preposição. No entanto, em (13), apesar de haver o SN depois do verbo, a CV se deu com o SN que o precede. Discussões mais detalhadas sobre essas sentenças serão feitas mais adiante.

Do que se considerou até aqui, pode-se constatar, por um lado, a circularidade no tratamento desse fenômeno nas análises tradicionais: ao mesmo tempo em que se usa a CV como traço definidor de sujeito, usa-se do sujeito para determinar a CV. Por outro lado, viu-se que a aplicação dessa regra nem sempre parece ser determinada, ou CONTROLADA, pelo SN sujeito, mas por outros SNs que estejam próximos ao verbo, como nos casos arrolados nas gramáticas, em que a CV se dá, por exemplo, com o predicativo. Sendo assim, não nos parece coerente considerar a CV como único traço para a identificação do SN sujeito. Do contrário, não teríamos como identificar o sujeito das sentenças (5)-(8), (11)-(13), ou mesmo de outras, também ocorridas em linguagem oral, como

(14) Foi proibido a participação de pessoas estranhas à secretaria.

(15) Foi lido seus direitos antes de saírem?

(16) Que bem pode lhe fazer essas lembranças?

em que não houve a CV com o SN que está depois do verbo, o qual, segundo as análises correntes, é um SN sujeito.

Uma possível explicação para o fato é a de que os SNs a participação, seus direitos e essas lembranças (das sentenças acima), pospostos ao verbo, não exercem mais a função de sujeito, o que justificaria a ausência da CV com esses sintagmas. Isso viria reforçar a análise de Perlmutter (1976), para dados do português,

segundo a qual ocorre a perda de "status" de sujeito por parte do SN que sofreu Rebaixamento³. Entretanto, ainda que se adote essa análise para o português, a questão de se saber se o SN posposto continua, ou não, sujeito está fora dos propósitos deste trabalho. De fato, poderíamos dizer que aqueles SNs, ao serem pospostos aos verbos das sentenças, perderam, entre outras, a propriedade sintática de sujeito, qual seja, a posição de início de sentença. Ainda que ocorram casos de o verbo concordar com o SN que está depois dele, isso não constitui evidência de que esse SN é sujeito, como se pode verificar através dos exemplos dados por nossas gramáticas, em casos como:

(17) Isto são ossos do ofício

ou mesmo em outros do tipo:

(18) O professor sou eu

em que os SNs ossos do ofício e eu não são necessariamente sujeito. Aqui nos encontramos novamente diante do problema da circularidade da Gramática Tradicional ao tratar da definição de sujeito e de CV. Isso porque, nas sentenças (17) e (18), não temos como determinar qual é o sujeito e qual é o predicativo, a não ser pela própria CV.

Resta-nos indagar, então, o que importa para a CV. Em outras palavras, qual o elemento, na estrutura da frase, que controla a CV: o SN sujeito? o SN imediatamente antes do verbo? o SN que carrega em si a noção de agente? Antes de passar à discussão desse ponto, será importante verificar as condições em que se dá a CV em sentenças com SN posposto e/ou SN topicalizado.

3. Observemos os seguintes grupos de sentenças:

Grupo I:

- (19) ... vinte minutos de jogo e já aconteceu duas alterações no time do Nacional
- (20) Não está aqui os melhores exemplos
- (21) No jornal de domingo apareceu duas páginas de greve
- (22) ... ficou as camadas mais fortes
- (23) Está faltando mesmo condições de alimentação

Grupo II:

- (24) tã claro nesta assembléia duas posições
- (25) tã previsto cinco meses
- (26) seja tirado uma comissão
- (27) "Deve ser inserido... uma frase..."

Grupo III:

- (28) ... entrou eu, o Sérgio e o Túlio...
- (29) ... nōs fomos no Rio Vermelho (...) foi eu, Túlio César...

Grupo IV:

- (30) me chateou certos votos
- (31) Dã muito trabalho essas coisas
- (32) "Começou a fazer efeito mesmo, os remedios"

Todos os grupos acima apresentam sentenças de língua oral em que não se efetuou a CV com o SN posposto. Tal fato já é conhecido, principalmente quando nas sentenças hã verbos existenciais e de movimento, todos intransitivos⁴ — como é o contexto

das sentenças do Grupo I — ou quando a sentença está na forma passiva (sentenças (26) e (27)), ou o verbo (ser, estar, ficar, etc.) está seguido de um adjetivo ou particípio (sentenças (24) e (25)). É o caso, por exemplo, das sentenças do Grupo II, em que não houve nem mesmo a concordância do particípio (ou do adjetivo) em gênero, o que, segundo Pontes (1982:110), é um "fenômeno de evolução da língua freqüente na língua oral e na escrita menos policiada."

O Grupo III apresenta exemplos que contrariam inteiramente o que é postulado pelas nossas gramáticas. Segundo elas, o verbo — na sentença (28), por exemplo — deveria estar ou na forma de primeira pessoa do plural — por haver, no sujeito posposto e composto, um pronome de primeira pessoa, que tem primazia sobre os demais SNs — ou na forma de primeira pessoa do singular, concordando com o SN mais próximo — no caso, o SN eu. Tal não aconteceu, entretanto. Tanto em (28) quanto em (29), o verbo aparece na terceira pessoa do singular, sem concordar com o sujeito posposto, a exemplo do que ocorre em sentenças dos tipos apresentados nos grupos I e II acima.

O mesmo fenômeno da falta de CV se repetirá em sentenças com verbos transitivos, como as do Grupo IV, em que às vezes o SN sujeito posposto é do tipo "afterthought", como em (32), isto é, vem no final da sentença porque o falante, segundo Hyman, "se lembra, depois de um ponto relevante no discurso, de que falta certa informação"⁵ (apud Ochs, 1979:71).

Desse modo, todos os casos arrolados acima constituem evidência de que a CV nem sempre se dá com o SN sujeito posposto. Conforme mencionei anteriormente, esse fenômeno, freqüente na língua oral, encontra-se também na língua escrita, como podemos ver nas sentenças dos grupos abaixo, correspondentes aos diver-

sois tipos na língua oral:

Grupo I':

- (33) "Não existe duas línguas exatamente iguais. Existe algumas expressões iguais"
- (34) No restante da lista não consta nomes de membros do Partido Comunista
- (35) Paralelamente a esta situação surgiu os cursinhos
- (36) São poucas as pessoas que no nosso tempo consegue chegar onde sempre sonhou

Grupo II':

- (37) "É proibido a entrada"
- (38) "Permitido carga e descarga"

Grupo IV'

- (39) ... comparação com o que apresenta as Gramáticas Normativas
- (40) ... escapa a ele as noções...

A ausência de um Grupo III' se deve ao fato de, nas redações examinadas, não terem surgido casos de SN posposto e composto por nomes e pronomes.

4. Consideremos, agora, os dois grupos de sentenças abaixo:

Grupo A:

- (41) Essa cerveja eu acho muito boa

- (42) Esses brinquedos os meninos gostam muito
- (43) Meus móveis esse anr eu you arrumar
- (44) Essas duas coisas eu não quero abrir mão

Grupo B:

- (45) Minhas gavetas não cabem mais nada
- (46) As minhas canetas acabaram a tinta
- (47) Os meninos cresceram a barba
- (48) Essas torneiras não saíram água até hoje
- (49) Serã que não podemos construir uma escada onde
a subida caiba todos nōs juntos? (língua escrita)

Os SNs sublinhados nos exemplos acima são tópicos das sentenças, conforme a análise de Pontes, a que fez referência no início deste trabalho. A diferença entre os dois grupos é que no Grupo A encontram-se sentenças em que houve somente a Topicalização de um SN. Já no Grupo B, diremos que foi aplicada, além da Topicalização, a regra de Posposição de Sujeito. No primeiro caso, a CV aplicou-se normalmente, isto é, com os SNs eu (nas sentenças (41), (43) e (44)) e os meninos (na sentença (42)), que estão exercendo a função de sujeito das frases. No segundo caso, de conformidade com o que estabelecem nossas gramáticas a respeito de verbos tais como caber, acabar, sair — todos intransitivos — o sujeito de uma sentença como (45) seria o SN mais nada. O mesmo se pode dizer sobre os SNs a tinta, a barba (a barba dos meninos, de acordo com a Gramática Tradicional) e água. Entretanto, em nenhuma dessas sentenças a CV se deu com esses SNs, mas com os SNs topicalizados. Estamos, assim, diante de um impasse: ora a CV se dá com o sujeito, ora se dá com o tópico.

Volto, agora, à pergunta feita anteriormente: o que interessa à CV quando de sua aplicação?

Nos parágrafos que se seguem, passarei a discutir esse ponto mais detalhadamente.

5. Vimos, anteriormente, que a definição tradicional de CV se baseia na relação sujeito/predicato (ou determinado/determinante). Essa é, nos termos da teoria gerativa, uma relação básica de estrutura profunda. Outro ponto ressaltado foi o de que a CV tem sido tomada como o fator básico para a identificação do sujeito. E isso é uma consequência da identificação do fenômeno da concordância verbal com concordância do verbo com o sujeito, o que é, no entender de Givón (1976), "uma visão infeliz do fenômeno".

Estabelecendo a CV nesses termos, deparamo-nos com um outro problema, que é o da definição de sujeito. Costuma-se lançar mão ora de noções semânticas, ora de noções formais, ora de noções pragmáticas, levando a confusões e incoerências. Assim, é frequente o uso da noção semântica de agente, para identificação do sujeito. Já tive oportunidade de mostrar⁶ que, em sentenças com verbo intransitivo e um SN posposto, como em

(11) Saiu as notas de matemática

(46) As minhas canetas acabaram a tinta

(50) "Olha, germinou alguma coisa aqui"

o falante normalmente não identifica nos SNs as notas de matemática, a tinta e alguma coisa a idéia de agente. Pelo con-

trário, eles são interpretados como pacientes (e de fato o são).

É bom lembrar aqui o que nos diz Chafe (1976:114) sobre as noções agente/paciente, na dicotomia processo/ação. Segundo ele, "estados y procesos van acompañados de pacientes, pero acciones de agentes." Assim, segundo aquele autor, para distinguirmos processo de ação, adotaremos o seguinte procedimento: a uma oração de ação, aplica-se a pergunta "O que fez N?", em que N é um nome. E a uma oração de processo, aplica-se a pergunta "O que aconteceu a N?". Por conseguinte, em relação a uma sentença como (11), poderíamos perguntar

(11') O que aconteceu com as notas de matemática?

mas não

(11'')* O que fizeram as notas de matemática?

Temos, portanto, em (11), um processo — no qual o SN as notas de matemática é um paciente — e não uma ação, em que esse mesmo SN funcionaria como agente.

Por outro lado, no caso de sentenças passivas, o sujeito também não assume a função de agente; e nem por isso a CV deixa de se efetuar com ele, como em

(51) Os livros foram colocados na estante.

Outras noções como sujeito lógico, sujeito formal (gramatical) e sujeito temático são também utilizadas no momento de se definir como a CV se aplica. Numa sentença como (43), que re-

pito,

(43) Meus móveis esse ano eu vou arrumar

o SN meus móveis é o sujeito temático, isto é, "é o ponto de partida ou de referência na formulação da frase. Ou, em outros termos, é o TEMA do que se vai comunicar" (Câmara Jr., 1964: 176), ao passo que o SN eu é o sujeito formal ou gramatical e que, por isso, está determinando a concordância, conforme o que costuma postular a Gramática Tradicional. Esse SN eu é também o sujeito lógico, exercendo a função semântica de AGENTE.

E assim podem ser analisadas todas as sentenças do Grupo A acima.

Como já disse anteriormente neste trabalho, não é meu objetivo discutir a noção de sujeito visando a uma redefinição dessa função na língua portuguesa. Esse é um assunto que, por sua complexidade e por seu relacionamento com vários outros aspectos da estrutura da língua, merece um estudo à parte. Por esse motivo, o uso que faço aqui de certos termos em relação ao sujeito — tais como temático, gramatical, lógico — baseia-se em definições já estabelecidas na literatura linguística. Assim, o sujeito temático, de acordo com Lyons (1977), é a expressão que o falante usa para anunciar o tópico de seu enunciado. Em outras palavras, é o tema, o tópico sobre o qual se está falando. O sujeito lógico é a expressão que se refere ao agente; é o sujeito da estrutura profunda, nos termos da teoria transformacional standard tal como esboçada em Chomsky (1965). Já o sujeito gramatical é, segundo a própria teoria transformacional, o sujeito da estrutura superficial, e cuja caracterização vai variar de língua para língua. A definição mais freqüente é a de que sujeito gramatical é o nome que determina a concordância verbal, de acordo com Lyons (1977). Nesses termos é que têm sido

estabelecidas tradicionalmente as definições de sujeito em nossas gramáticas.

Esses três tipos de sujeito arrolados acima estariam assumindo relações funcionais em três níveis, conforme o que postula Dik (1980). Esse sujeito gramatical é o que a Gramática Funcional (nos termos dados em Dik) chama simplesmente de sujeito, e que estaria assumindo uma relação funcional sintática (como também estariam o predicado, o objeto, etc.). Essa função sintática é apenas um dos níveis de relações funcionais, uma vez que os constituintes das sentenças numa língua estarão também assumindo funções semânticas (tais como Agente, Gol, etc.) e funções pragmáticas (tais como tema, tópico, foco, etc.). O importante será termos em mente que entre os constituintes haverá relações de proeminência, a qual poderá, por um lado, coincidir nos três níveis. Assim, algum AGENTE é SUJEITO (gramatical, nos termos de Lyons) e é também TÓPICO. Exemplo disso é o SN o menino numa sentença como:

(52) O menino comeu o bolo

Por outro lado, a função de tópico (= sujeito temático, de acordo com Lyons) pode ser atribuída a um termo não-sujeito (ou seja, não sujeito gramatical), como acontece com o SN essas duas coisas em:

(44) Essas duas coisas eu não quero abrir mão

Em resumo, todas as vezes em que eu estiver usando a expressão sujeito gramatical estarei me referindo àquela noção sintática de sujeito, dada não só pela Gramática Funcional mas

também pela Gramática Tradicional, de que é o termo que determina a CV (embora minha análise não se faça nesses termos). Já o sujeito temático será aquele que tem a função pragmática de tópico da sentença.

6. Essas considerações a respeito do sujeito são relevantes para retomarmos a postulação de Givón (1976) de que a identificação da concordância gramatical com concordância verbo-sujeito é uma visão infeliz do fenômeno. Realmente, as sentenças examinadas até aqui constituem evidência de que "the underlying reality upon which grammatical agreement rises is that of topic-verb agreement" (Givón, 1976:151) ("a realidade subjacente sobre a qual a concordância gramatical se baseia é a concordância do verbo com o tópico"). Em outras palavras, enquanto a definição tradicional de CV se baseia na relação sujeito/predicado, que é, como já vimos, uma relação básica de estrutura profunda, podemos, em contrapartida, estabelecer a CV em termos da relação TÓPICO / COMENTÁRIO, que é uma relação básica da estrutura superficial, em que o falante anuncia um tópico e em seguida diz alguma coisa sobre ele.

Quero deixar claro que estou tomando, aqui, o termo tópico referindo-se não ao tópico do discurso — o assunto — mas ao tópico da sentença (conforme definido nos trabalhos de Pontes), ao elemento de uma construção sintática, aquele elemento que, muitas das vezes, vai identificar-se com o sujeito (sujeito gramatical), conforme postula Lyons (1977:501):

The speaker announces a topic and then says something about it... In English and the familiar languages of Europe, topics are also subjects and comments are predicates. (O falante anuncia um tópico e em seguida diz

alguma coisa sobre ele... Em Inglês e nas línguas conhecidas da Europa, tópicos são também sujeitos e comentários são predicados]

Esse tópico será, segundo vários autores, o sujeito temático, que poderá, como já vimos, coincidir com o sujeito gramatical.

Passemos, agora, à análise de alguns tipos de sentenças do português com base nessa relação tópico/comentário.

A partir das definições acima, numa sentença como (52), que repito.

(52) O menino comeu o bolo

o tópico é o SN o menino; e o comentário é comeu o bolo.

O tópico — ou sujeito temático —, por ser a informação velha, vem no início da sentença. Essa posição inicial é, segundo Halliday (apud Lyons, 1977), a condição necessária para o "status" temático de um SN. Por outro lado, em (52) o SN o menino será visto pela Gramática Tradicional como o sujeito gramatical, ou seja, aquele termo que, segundo ela, determina a CV.

Apesar de o tópico ser tomado como ponto de partida para uma comunicação qualquer, não implica que ele esteja sempre presente. Em outras palavras, é possível que uma sentença seja constituída só do comentário, a exemplo do que Gruber (1966:443) estabelece:

A predicate sentence would be one that describes a situation without specifying any element of that situation as the thing which the sentence is about. It would be a subjectless or topicless sentence. [Uma sentença predicativa será aquela que descreve uma situação sem especificar qualquer elemento daquela situação como aquilo de que trata a sentença. Ela será então uma sentença sem sujeito, ou sem tópico]

Assim, numa sentença como:

(54) Hã flores no jardim

"o falante focaliza logo a essência da sua comunicação, e formula uma frase reduzida a um predicado" (Câmara Jr., 1964:177). Sentenças como (54) são chamadas impessoais, e sua análise em termos dessa relação tópico/comentário não parece oferecer problema.

Consideremos, no entanto, as seguintes sentenças da língua oral, em que aparecem verbos ditos "existenciais":

(55) ... não acontece nada disso

(56) ... surgiu (...) esse conflito todo

(57) Surge o problema

De acordo com a Gramática Tradicional, os SNs nada disso, esse conflito todo e o problema são sujeitos das sentenças (55), (56) e (57), respectivamente. E, como se pode verificar, esses sujeitos estão pospostos ao verbo.

Admitindo-se a possibilidade de ocorrência desses SNs antes do verbo — originando-se, assim, as estruturas abaixo:

(58) Nada disso acontece

(59) Esse conflito todo surgiu

(60) O problema surge

— e comparando-as com as sentenças (55), (56) e (57), vemos evidenciada aã a tendência universal de se colocar no início da sentença a informação velha, que constituirã, assim, o tópico da

sentença. Por conseguinte, em (55), (56) e (57) o tópico é o verbo, ao contrário de (58), (59) e (60), em que o tópico é o SN que antecede o verbo. Em outras palavras, quando o verbo vem antes do sujeito, o tema é a própria ação verbal. Essa é, segundo Givón (1976), a função apresentacional exercida por esse tipo de verbo.

Convém ressaltar que as sentenças (58), (59) e (60) me parecem menos naturais do que as sentenças (55), (56) e (57), em que o SN está posposto ao verbo. Acho mesmo que elas são um pouco estranhas. E essa estranheza pode dever-se ao fato de termos, nessas sentenças, verbos com função apresentacional, os quais exigiriam que os SNs viessem pospostos exatamente pela impossibilidade de eles serem considerados como portadores de informação velha.

Na mesma análise feita acima poderemos englobar os seguintes casos:

- a) sentenças com verbos de movimento (ou de início e fim de existência, etc.), como em:

(61) ...já saiu esse povo todo(...)não vai entrar outro
no lugar dele(...)não entra ninguém

(62) ...levanta todo mundo e sai

(63) Sumiu tudo: sumiu aeromoça, sumiu comissário

(64) Começou outra?

(65) ...num (es)tava pintando taxi

(66) Caiu uma pedra no capô do carro

- b) sentenças com verbos como ser, estar, ficar, etc., seguidos de adjetivo, particípio (sentenças passivas) ou expressão adverbial, como em:

- (67) Estão abertas as inscrições
- (68) É fácil limpar essa roupa
- (69) Estão aqui os ganhadores do concurso
- (70) Foi previsto um ataque à região

Em todas essas construções o verbo está exercendo a função apresentacional. Em outras palavras, pode-se dizer que o foco de interesse do falante está no fato em si, sendo que o que se segue ao verbo é de importância secundária.

Uma análise alternativa seria a de dizer que nesse tipo de sentença só temos o comentário, que é o próprio fato, isto é, o processo é "apresentado em si mesmo, independentemente de um ser que lhe sirva de marco de referência" (Câmara Jr., 1964:177). Isso, entretanto, vai alterar pouco para o que pretendo mostrar em relação à CV. Essa alternativa permitiria, no entanto, que englobemos, numa só análise, as sentenças com verbos impessoais, as sentenças com verbos intransitivos seguidos de um SN (tradicionalmente considerado o sujeito), as sentenças passivas também com sujeito posposto, etc. Em todos esses tipos reduz-se a frase ao comentário, focalizando-se, assim, a essência da comunicação, ou seja, apresenta-se o processo em si mesmo.

7. Vou retomar, agora, as sentenças (45)-(49) — que repito — constituintes do Grupo B citado anteriormente:

- (45) Minhas gavetas não cabem mais nada
- (46) As minhas canetas acabaram a tinta
- (47) Os meninos cresceram a barba
- (48) Essas torneiras não saíram água até hoje

(49) Serã que não podemos construir uma escada onde a subida
caiba todos nōs juntos? (língua escrita)

Todas são exemplos de estruturas com tōpico (os SNs sublinhados) e comentário. Observemos, no entanto, que no comentário há um SN que, segundo as análises tradicionais, é o sujeito do verbo que, por sua vez, em todos os exemplos, é um verbo intransitivo. De acordo com a definição tradicional de CV como a concordância que se efetua entre o verbo e seu respectivo sujeito, não teremos como explicar a CV nos exemplos acima. Já vimos que o tratamento da CV nesses termos não se revelou eficaz, uma vez que ela pode se dar com outro SN que não o sujeito. Se, por outro lado, admitirmos que o sujeito não é o único a controlar a CV, chegaremos a uma explicação do que ocorreu nas sentenças acima. E essa explicação terá por base a relação tōpico/comentário.

Podemos verificar que, em (45)-(49), a CV efetuou-se com o SN topicalizado e não com os SNs pospostos, todos sujeitos, em termos tradicionais, de verbos intransitivos. De acordo com a Gramática Tradicional, esses SNs seriam aqueles termos que deveriam determinar a CV, portanto, os sujeitos gramaticais das referidas sentenças. Se se partir do pressuposto de que é o sujeito gramatical (e esse sujeito gramatical possui a propriedade sintática que é a posição antes do verbo, conforme postulado em Lyons, 1977) que determina a CV, pode-se dizer, então, que os SNs sublinhados nas sentenças acima são, além de sujeitos temáticos (na qualidade de tōpicos), os sujeitos gramaticais, pois é com eles que o verbo está concordando. Assim, esse é um caso em que tōpico e sujeito se identificam; melhor dizendo, em que sujeito temático e sujeito gramatical coincidem.

Além disso, em sentenças do tipo de (45)-(49), a possibi-

lidade de se identificar o SN posposto ao verbo como sujeito é bem menor, tendo em vista que: a) ao ser posposto, esse SN teria perdido a propriedade sintática de sujeito — a posição — o que, nos termos de Perlmutter (1976), é uma perda de "status" de sujeito; b) esse SN deixou também de exercer a função de tópico.

Normalmente, o tópico é o sujeito, dada a Hierarquia Universal de Topicalidade, postulada por Givón (1975) da seguinte maneira:

Hierarquia Universal de Topicalidade

- a. humano não-humano
- b. definido indefinido
- c. participante mais envolvido participante menos envolvido
- d. 1a. pessoa 2a. pessoa 3a. pessoa

Essa hierarquia fará com que o sujeito seja o elemento mais preponderantemente topicalizado e, sendo assim, o candidato mais provável para a concordância, por manter muitas das funções do tópico.

Um outro tipo de estrutura de tópico/comentário é aquele apresentado pelas sentenças (41)-(44), que repito:

- (41) Essa cerveja eu acho muito boa
- (42) Esses brinquedos os meninos gostam muito
- (43) Meus móveis esse ano eu vou arrumar
- (44) Essas duas coisas eu não quero abrir mão

Nelas o tópico é o SN sublinhado, e o comentário é o resto da

sentença, como mostra o quadro abaixo:

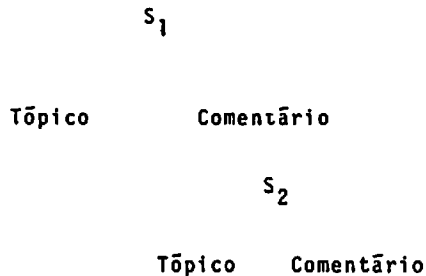
TÓPICO	COMENTÁRIO
essa cerveja esses brinquedos etc.	eu acho muito boa os meninos gostam muito etc.

Observe-se que o próprio comentário é constituído de sujeito e predicado (sujeito tomado aqui nos termos tradicionais, como o SN com o qual o verbo concorda, ou seja, o sujeito gramatical). Nessas sentenças haverá, de acordo com o que vimos até agora, um sujeito temático (o SN topicalizado) que não se identifica com o sujeito gramatical. Esse, pelo contrário, é o SN que precede imediatamente o verbo em cada um dos exemplos dados.

As sentenças (41)-(44) parecem, à primeira vista, constituir problema para a análise que acabo de dar para o comportamento da regra de CV em português, qual seja, a de que a CV é controlada pelo tópico. Isso porque naquelas sentenças o verbo não concordou com o tópico — o SN sublinhado — mas com o outro SN, chamado de sujeito gramatical ou formal, que é o SN que imediatamente precede o verbo nas sentenças dadas. Esses são casos de sentenças com ocorrência do que muitos chamam "duplo sujeito" — um sujeito temático (o tópico) e um sujeito gramatical (aquele com o qual a CV está se efetuando).

Podemos, no entanto, alcançar maior generalização se postularmos que nessas sentenças há dois tópicos, em níveis dife-

rentes, representados na forma do diagrama abaixo:



Assim, a sentença (41), por exemplo, teria dois tópicos, a saber: o SN essa cerveja seria o tópico num nível mais alto, ou seja, no nível de S_1 ; e o SN eu seria o tópico num nível mais baixo, ou seja, de S_2 . E a CV poderã, então, ser determinada pelo tópico que imediatamente precede o verbo, o que permitirã maior generalizaçã.

8. Feitas essas considerações, volto a examinar sentenças com verbos intransitivos, sejam existenciais, sejam de movimento. Já vimos ser comum nesses casos que o SN dito "sujeito" apareça posposto ao verbo, dada a característica apresentacional desse.

Tomemos os seguintes exemplos, encontrados no português oral de falantes de nível universitário:

(71) Foi ontem sete peças pra Brasília

(72) Faltava dez minutos ainda pra começar a aula

(73) Ficou umas cinco pessoas

(74) Estã me surgindo umas idêias

(75) Estã circulando algumas informações

- (76) Existe problemas entre os professores
- (77) Continua sem explicação as formas em ã
- (78) Bateu saudades e eu vim
- (79) Pintou as lembranças daquele tempo

e outras, citadas anteriormente, que repito:

- (11) Saiu as notas de matemática
- (20) Não está aqui os melhores exemplos
- (23) Está faltando mesmo condições de alimentação
- (40) Escapa a ele as noções (língua escrita)

Em todas elas, o verbo está em sua forma de terceira pessoa do singular, embora se encontre depois dele um SN no plural, e que é analisado na Gramática Tradicional como sujeito. Em outras palavras, a CV nesses exemplos não está se efetuando de conformidade com as regras postuladas pela Gramática Tradicional. Resta a pergunta: por que, numa sentença como (11)

- (11) Saiu as notas de matemática

o verbo sair não concordou com o SN as notas de matemática? Se esse SN estivesse anteposto ao verbo, tal concordância existiria, como podemos comprovar em:

- (80) As notas de matemática saíram.

A frequência desse fenômeno da ausência de CV com SN posposto na língua oral examinada, e sua comparação com ocorrências com SN anteposto, nas quais se efetua a CV, levaram-me a acreditar que não se trata realmente de um simples desconhecimento da

regra, ou de um problema decorrente de fator morfológico (a maior ou menor diferença fônica entre as formas de terceira pessoa do singular e terceira do plural), como querem alguns autores, conforme tive oportunidade de mostrar em Decat (1981).

Creio que a situação detectada nos exemplos acima poderá alcançar melhor descrição e generalização se examinada à luz da relação tópico/comentário.

Já ressaltai a possibilidade de existência de sentenças que se reduzem ao comentário, isto é, em que o foco de interesse é o processo em si mesmo. Ora, se postularmos (como o fiz anteriormente), que a CV se dá com o tópico, e sabendo que o tópico vem no início da sentença, torna-se evidente que a falta de CV nos casos acima se deve ao fato de essas sentenças apresentarem só o comentário. Comparando (11) e (80), poderemos comprovar o que acabo de aventar. O SN as notas de matemática, que, em (80), é o tópico (e é também o sujeito gramatical, se quisermos ainda manter essa nomenclatura), perdeu a função de tópico ao ser posposto, como em (11). Se, ao se dar essa posposição, o verbo não concorda com esse SN, podemos concluir seguramente que o que importa para a CV não é só a condição de sujeito gramatical do SN, mas a sua condição de tópico.

As estruturas acima poderão ser equiparadas a sentenças ditas impessoais, o que nos fará alcançar maior generalização. Poder-se-ia argumentar que os verbos daquelas sentenças são intransitivos e pessoais e que, para tratá-los como impessoais, teríamos que admitir que o SN que está depois do verbo é um objeto. Ora, não vejo por que não dizer que houve uma impessoalização desses verbos, sem que, com isso, seja necessário admitir que o SN posposto é objeto. O fato de o SN ter perdido, com a posposição, o "status" de sujeito, não quer dizer necessariamente

que ele passe a ser objeto. Melhor seria admitir que o SN perdeu seu "status" de tópico, mesmo que continue a ser considerado o sujeito.

Essa generalização permitirá que englobemos, numa mesma análise, os seguintes casos, além do que acaba de ser visto:

19) sentenças passivas (sem SN agente), com SN posposto.

Nessas, a perda de "status" de tópico por parte do SN posposto evidencia-se até pela falta de concordância nominal (do particípio) como mostram alguns dos exemplos abaixo

(81) Foi encontrado cerveja e guaraná

(82) ...seja tirado uma comissão

ou em

(12) Foi feito duas viagens

(15) Foi lido seus direitos antes de saírem?

29) sentenças com verbos com ser, estar, ficar, etc., seguidos de particípio, adjetivo ou expressão adverbial — como em (24)-(27), citadas anteriormente.

É interessante ressaltar que essa falta de concordância do verbo (ou do particípio) com o SN posposto não é um fenômeno tão novo na língua, tendo sido até registrado em língua escrita de escritores arcaicos (embora, muitas vezes, esse fenômeno tenha sido atribuído a um erro do tipógrafo) como nos atesta Brandão (1963:178-179):

Nos melhores escritores deparam-se exemplos de verdadeiras discordâncias, as quais se podem interpretar como inadvertências do autor, explicáveis pela influência exercida no espírito d'ele por um dos termos da proposição, quase sempre aquêle que psicologicamente tem mais valor. [...] Exemplos há, porém, que são erros manifestos ou do tipógrafo ou do escritor. Para estes não há justificação, e não devem absolutamente ser imitados. Incorrem nesta censura entre outros os seguintes além de muitos outros por nós coligidos: "Mais VAL amigos na praça que dinheiros na arca" (F. Vasconcelos, *Eufr.*, p.42). "...não lhe VINHA recados nem nova alguma de Godifert" (Id., *Mem.*, 19). (...) "...duzentos reais... lhes ABASTA" (Cast., *Hist. da Índia*, I, XIV, 37) [...] "FALTA-me posses para me ostentar" (Camilo, *Regicida*, 72) [...] Tais discordâncias ocorrem a miúdo com adjetivos e participios, postos no masculino, quando deveriam concordar no feminino ou no plural d'este: "POSTO nos navios tôdas as BILTALHAS [= vitualhas]" (F. Lopes, *D. João I*, 19, 68). "...em vida d'ele não foi alguma coisa ESCRITO" (Ibidem, 100).

Essa análise em termos de tópico/comentário permitirã, inclusive, que expliquemos a falta de CV em casos como os de (28) e (29) — que repito:

(28) ...entrou eu, o Sêrgio e o Túlio

(29) ...nôs fomos no Rio Vermelho (...) foi eu, Túlio César...

em que no SN posposto há um pronome e a CV não se efetuou com ele, o que é uma das possibilidades postuladas pela Gramática Tradicional normativa.

Ainda que adotássemos a análise segundo a qual o tópico dessas sentenças é o verbo — que teria a função apresentacional — a explicação da não-concordância do verbo com o SN posposto fica inalterada. É óbvio que, se a CV se dá com o tópico — e o tópico é o próprio verbo — esse ficará na forma de terceira pessoa do singular, sem estar concordando com nenhum SN. Diríamos até que topicalizar o verbo é uma maneira de impessoalizar a frase.

Podemos estabelecer um paralelo entre essas construções a que estou chamando de "impessoalizadas" e as construções impessoais do francês, do tipo "il + V", como nos exemplos (83a.) e (84a.) abaixo, dados por Vet (1981:143-163):

(83) a. "Il arrive deux trains"

b. "Deux trains arrivent"

(84) a. "Il est difficile de corrompre la concierge"

b. "La concierge est difficile à corrompre"

Do exame das sentenças acima, conclui-se que o verbo concorda com "il" e não com o SN que o segue.

Entre os autores que analisam esse tipo de construção em francês, há controvérsias quanto à função do SN que está depois do verbo. Alguns o dão como "sujeito real", sendo que o "il" é o "sujeito aparente". Outros vêem esse SN como uma espécie de objeto (embora haja argumentos contra isso), por causa da posição que ele ocupa na frase. Já outros, como Eskénazi (apud Vet, 1981), analisam o "il" como um elemento introdutor qualquer, e o SN como um elemento "dessintaticizado", isto é, um elemento que perdeu sua função sintática. Essa visão assemelha-se à análise de Perlmutter (1976), quando postula a perda de "status" de sujeito por parte do SN posposto ao verbo. De qualquer forma, aqui não nos interessa solucionar o problema da função desse SN. Interessa-nos, sim, verificar o comportamento da concordância verbal em sentenças semelhantes no português, como (85) e (86),

(85) a. Chegou duas caixas de vinho

b. Duas caixas de vinho chegaram

- (86) a. É fácil lavar essas roupas
b. Essas roupas são fáceis de lavar.

embora não haja, em português, um pronome semelhante ao pronome "il" do francês. Mesmo assim podemos dizer que há, em ambos os casos, a idéia de impessoalidade. E a maneira formal de indicar isso em português será colocar o verbo na terceira pessoa do singular, não concordando, portanto, com o SN que vem depois.

9. Finalmente resta explicar aqueles casos em que ocorre, na língua escrita e mesmo na língua falada, a concordância do verbo com o SN à sua direita, como nos exemplos abaixo:

- (87) Pintaram uns grilos na minha cuca
(88) Faltaram livros (língua escrita e também língua oral)
(89) Lá foram servidas as bebidas (língua escrita)
(90) Existem dois pontos de vista

À primeira vista essas sentenças parecem servir de contra-argumento à hipótese desenvolvida até agora, que é a de que a CV é controlada pelo tópico.

Entretanto, novamente chamo a atenção para a possibilidade, apontada por nossas gramáticas, de o verbo concordar com SNs pospostos que tenham outra função que não a de sujeito, por exemplo a função de predicativo, expresso por um nome ou um pronome, como nos exemplos já citados neste trabalho:

- (9) "Tudo eram sonhos de Arcádia,
ilusões da vida em flor..."

(17) Isto são ossos do ofício

(18) O professor sou eu

A concordância do verbo haver — que é dado como impessoal — com o objeto direto é um fenômeno já registrado por alguns gramáticos, como nos diz Brandão (1963:22-23):

Certos escritores costumam empregar como pessoal o verbo haver em frases existenciais, dando-lhe por sujeito o que propriamente é objeto direto: "Tais HAVIAM que certificavam que o Mestre era morto." (Fernão Lopes, D. João I, 19, 48). "HAJAM festas de prazer. HAJAM cantos para ouvir" (Camões, Auto de el rei Seleuco, no 29 vol. das Obras, p. 474)

e conclui logo em seguida: "Não é sintaxe digna de imitar".

O fato é que, tanto na língua oral quanto na escrita, quando há um SN posposto ao verbo — seja esse SN sujeito ou não — a CV ora se faz com esse SN, ora não se faz, ficando o verbo na terceira pessoa do singular. Em outras palavras, quando a sentença se reduz ao comentário, o comportamento da CV se dá como nos casos de sentenças impessoais, em que o verbo fica na terceira pessoa do singular, o que nos permite englobar, numa mesma descrição, sentenças com verbos intransitivos, do tipo exemplificado abaixo,

(11) Saiu as notas de matemática

(75) Está circulando algumas informações

(79) Pintou as lembranças daquele tempo

ou sentenças com verbo transitivo, entre os quais inclui-se o verbo haver, como nos exemplos abaixo:

(31) Dá muito trabalho essas coisas

(16) Que bem pode lhe fazer essas lembranças?

(54) Há flores no jardim

Essas evidências, aliadas a todas as outras apontadas neste trabalho, levam-me a concluir que a CV é uma regra que se aplica ora para trás, e, nesse caso, OBRIGATORIAMENTE — quando o verbo concorda com o SN que imediatamente o precede, isto é, com o tópico que imediatamente precede o verbo — ora para a frente, e, nesse caso, OPTATIVAMENTE, quando então o verbo concorda com o SN que se lhe segue, e que não é necessariamente o sujeito da sentença. Essa aplicação optativa permitirá que englobemos satisfatoriamente numa mesma análise as ocorrências abaixo:

(91) a. Foi feito duas viagens

b. Foram feitas duas viagens

(92) a. Está pronta as malas

b. Está pronto as malas

c. Estão prontas as malas

(93) a. Caiu dois carros no abismo

b. Caíram dois carros no abismo

(94) a. Tudo é flores

b. Tudo são flores

(95) a. aí chegou eu, o Marco e a Belisa

b. aí cheguei eu, o Marco e a Belisa

c. aí chegamos eu, o Marco e a Belisa

E poderemos, ainda, explicar a concordância do verbo haver (existencial) — considerada errada pela gramática normativa —

do mesmo modo que acontece com verbos do tipo de existir, como nos pares abaixo:

- (96) a. Havia muitos manifestantes na praça
b. Haviam muitos manifestantes na praça
- (97) a. Existe várias explicações para isso
b. Existem várias explicações para isso

Esse caráter optativo da CV com SN posposto pode dever-se a um fenômeno de evolução da língua, e que passa despercebido. Duas formas coexistem, até o momento em que uma delas irá sobrepujar a outra. E essa coexistência de formas já era registrada em períodos mais antigos de nossa língua, como nos mostra Said Ali (1966:305):

Em alguns escritores notáveis do século XIX têm-se apontado vários exemplos de orações existenciais com houeram, houvessem, etc., no plural. Mas a novidade vem de mais longe. De Matias Aires (1752) são estes passos:

Quantos Achilles terão havido, cujas notícias se acabarão só porque não tiverão Homeros que as fizessem durar hum certo tempo...? (Vaid. 29) - De quantas acções fará menção a historia, que já mais se virão?... E de quantos nomes, que nunca houerão? (ib. 363) - Deste modo he que antigamente havião Nobres, porque em todo o tempo houerão poderosos (ib. 396) - Enquanto houerem cores, sombras e pretextos, hão de padecer a verdade, a justiça, e a virtude (ib. 327)

Outros autores contemporâneos de Matias Aires evitaram, escrupulosos e fiéis à tradição, escrever orações existenciais com o verbo haver no plural. Que esta forma alternava com o singular na linguagem falada daquele tempo!, depreende-se destes passos de Antônio José da Silva:

*Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado (Alec. 38)
- Para que não hajam dúvidas no dote, assentai-vos e sabereis o que haveis de levar (ib. 47)*

10. Neste trabalho examinei o fenômeno da concordância verbal em português, tentando encontrar explicações para o comportamento dessa regra em sentenças, em que duas outras regras se aplicavam: a Topicalização e a Posposição de Sujeito. Mostrei que o tratamento dado à regra de CV na Gramática Tradicional é circular, uma vez que, para explicar essa regra, toma-se como base a noção de sujeito, ao mesmo tempo em que se usa da CV como fator básico (e às vezes único) para a identificação do sujeito de uma sentença.

Da análise dos dados da língua oral de falantes de diversos níveis (primeiro grau, segundo grau e universitário) e da comparação desses dados com a língua escrita, aventei a hipótese de que a concordância verbal encontrará melhor descrição em termos da relação tópico/comentário. Assim, cheguei às seguintes conclusões:

- 19) a CV, em português, é normalmente controlada pelo tópico;
- 29) havendo mais de um tópico, em níveis diferentes, a CV se dará com o tópico que imediatamente precede o verbo. Esse é o caso que muitos consideram como de "duplo sujeito", em que um deles é o sujeito temático (que podemos identificar como o tópico de nível mais alto) e o outro é o sujeito gramatical (que é o tópico de nível mais baixo). A CV, nesse caso, aplica-se para trás, e é OBRIGATÓRIA;
- 39) em sentenças constituídas só do comentário, a CV se aplicará OPTATIVAMENTE para a frente, isto é, com o SN que se

pospõe ao verbo (seja esse SN sujeito — em termos da Gramática Tradicional — ou não). A essas sentenças constituídas sō do comentário chamarei de construções impessoalizadas, nelas englobando:

- a) sentenças com verbos impessoais como, por exemplo, o verbo HAVER;
- b) sentenças com verbos intransitivos (existenciais ou de movimento) seguidos de um SN;
- c) sentenças com verbos transitivos, incluindo-se, aí, as sentenças passivas (sem agente expresso).

Em outras palavras, o que importa para a CV é a condição de tópico do SN, sendo a regra, nesse caso, de aplicação obrigatória. Não havendo tópico — entendido como uma construção sintática — a tendência verificada no português é a de não se efetuar a concordância (embora nesse caso ela possa ser considerada de aplicação optativa com o SN que segue o verbo, o que explica a ocorrência alternada das formas verbais de singular e plural na língua falada e também na escrita). As sentenças serão interpretadas, então, como impessoais.

Essa análise permite uma maior generalização não sobre as normas ditadas pela gramática, mas sobre os fatos lingüísticos em si, tal como se apresentam na manifestação espontânea da linguagem. Como nos diz Saïd Alí (1966:80), as dificuldades que muitas vezes encontramos nas análises que fazemos não têm origem nos fatos em si, mas

resultam antes de estarmos sempre propensos a subordinar e amoldar todos os fatos gramaticais a certas dou-

trinas tradicionais estabelecidas a priori. Em vez de aceitarmos os fenômenos lingüísticos tais quais se apresentam, andamos geralmente a procurar fora da linguagem um termo reclamado por um princípio apriorístico. Fantasiamos possibilidade, socorremo-nos de sujeitos imaginários, fingimos a sua existência, ou então, sentindo-nos incapazes de analisar uma frase diretamente, substituímo-la por outra, lingüisticamente diversa, e analisamos a segunda. Em suma, não analisamos: sofismamos a análise.

NOTAS

1. Cf. Pontes (1981a), (1981b), (1982).
2. Os exemplos entre aspas, que não venham com referência direta do autor, foram recolhidos dentre os dados apresentados nos trabalhos de Pontes (1981a), (1981b), (1982).
3. Essa é a tradução que estou dando para "Subject Downgrading", que é a regra que, segundo Perlmutter (1976), faz com que o SN (tido como sujeito na estrutura profunda) movimentado para depois do verbo deixe de comportar-se como sujeito, ou seja, perca as propriedades de sujeito como, por exemplo, a posição inicial e a função temática como tópico da sentença.
4. Para maiores detalhes, ver Decat (1981).
5. Essa e outras traduções que aparecem no decorrer do trabalho são de minha inteira responsabilidade.
6. Cf. nota 4.
7. O grifo é meu.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe clássica portuguesa. Belo Horizonte, UFMG, 1963.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso. Dicionário de filologia e gramática. 2a. ed. Rio de Janeiro, Ozon, 1964.
- CHAFE, Wallace L. Significado y estructura de la lingua. Barcelona, Planeta, 1976.
- CHOMSKY, N. Aspectos de la teoria de la sintaxis. Madrid, Aguillar, 1970.
- DECAT, M. B. N. Verbal agreement differences in spoken and written Brazilian Portuguese and their consequence for the teaching of composition. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (5): 25-39, 1981.
- DIK, Simon C. Studies in functional grammar. London, Academic Press, 1980.
- GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, Charles, ed. Subject and topic. New York, Academic Press, 1976.
- GRUBER, J. S. Topicalization in child language. In: REIBEL, D.A. & SCHANE, S. A. Modern studies in English. New Jersey, Prentice-Hall, 1966.
- LEMLE, M. & NARO, A. Competências básicas do português. Rio de Janeiro, MOBRAL, Fundação Ford, 1977.
- LYONS, J. Semantics 2. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.

- OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. In: GIYÖN, T., ed. Syntax and semantics. New York, Academic Press, 1979. vol. 12.
- PERLMUTTER, D. Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELDT, Jurgen, ed. Readings in Portuguese Linguistics. Amsterdam, North Holland Linguistic Series 22, 1976.
- PONTES, Eunice. Da importância do tópico em português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 5, Rio de Janeiro, 1981 a. (Comunicação)
- . Topicalização e deslocamento para a esquerda. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 6, Rio de Janeiro, 1981 b. (Comunicação a sair)
- . A ordem VS em português. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (7): 90-137, 1982.
- SAID ALI, M. Dificuldades da língua portuguesa. 6a. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966 a.
- . Gramática histórica da língua portuguesa. 6a. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966 b.
- VET, Co. Subject assignment in the personal constructions of French. In: BOLKENSTEIN, Dik et alii. Predication and expression in functional grammar. London, Academic Press, 1981.